



JORNAL: da Bahia

DATA: 20.07.93

CAD: 1º

PAG: 03

 Assunto: Centro Histórico
Pelourinho

CENTRO HISTÓRICO

CARROS

ATRAPALHAM

O PELO

**GANHA FORÇA A
IDÉIA DE QUE
A ÁREA DEVE
SER SÓ DOS
PEDESTRES**

Com a restauração do Centro Histórico, os problemas de trânsito são cada vez maiores: construídos numa época muito anterior à dos automóveis e caminhões, as vielas e o Largo do Pelourinho começam a dar sinais cada vez mais evidentes de inadequação ao tráfego — turistas, empresários, vendedores de artesanato, guias e técnicos concordam que a solução ideal é tirar os carros, restringindo o tráfego aos pedestres. Técnicos do Detran e especialistas em engenharia de tráfego se reúnem amanhã na Secretaria de Planejamento do Estado, que coordena o projeto de restauração, para estudar o problema.

“Isso aqui não é estacionamento, é Centro Histórico”, protestava ontem à tarde Larrys Colt, vendedor de produtos artesanais na área há cinco anos. Apontando a confusão causada pelos automóveis, ele disse que os carros incomodam principalmente nas festas, como a Benção de terça-feira, quando tentam atravessar a multidão. Os estudantes paulistas Adriano Moreira Baracioli e Daniela Rodrigues da Silva defenderam a proibição do tráfego de veículos por causa da “poluição visual” do conjunto arquitetônico. “Os carros sujam as fotografias”, afirmou Adriano. “Eles não fazem parte do conjunto”, completou Daniela.

Os turistas reclamam também de não poder usufruir dos atrativos do Centro Histórico por causa dos carros. “Eles ficam se espremendo nas calçadas e 90% se queixam”, revelou

o guia mirim Muriel Barbosa. Alguns motoristas começam a tomar a iniciativa: os estacionamentos em fila dupla, que dão trabalho ao cabo PM Barros, do Batalhão do Centro Histórico, não existiriam se dependesse do empresário André Lúcio da Silva. Ele transferiu a sua loja de artigos afro-brasileiros, a Omi-nílá, do Largo 2 de Julho para o novo Centro Histórico. Mas continua estacionando no endereço antigo. “Os carros atrapalham o comércio”, reclamava.

Da Silva revelou que sente “a terra tremer” quando passam os caminhões. As distribuidoras de bebidas são frequentadoras assíduas da área. “Consegui convencer alguns a mandarem carros menores para cá”, festejava o diretor do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural, Ipac, Vivaldo da Costa Lima, responsável pelo projeto técnico da restauração.